# MOBILIDADE INTERGERACIONAL EDUCACIONAL NO BRASIL: EVIDÊNCIAS A PARTIR DOS FILHOS CORRESIDENTES NA PNAD CONTÍNUA DE 2024

Gabriela Bravo da Silva, Silvio Hong Tiing Tai

## INTRODUÇÃO

A mobilidade intergeracional educacional mede o quanto a escolaridade dos filhos permanece associada à escolaridade de seus pais, sendo um indicador central da igualdade de oportunidades. O Brasil é historicamente apontado como um dos países com menor mobilidade educacional entre gerações da América Latina, embora estudos recentes indiquem uma trajetória de aumento dessa mobilidade (FERREIRA; VELOSO, 2003; MAHLMEISTER et al., 2019; ARAÚJO; NETTO JÚNIOR; SIQUEIRA, 2022). Restrições de crédito enfrentadas pelas famílias mais pobres para investir em capital humano dos filhos ajudam a explicar a persistência observada (ANDRADE et al., 2003), assim como a estrutura familiar e a decisão de corresidência entre pais e filhos adultos (RAMALHO; NETTO JÚNIOR, 2018). Este trabalho estima a associação entre a escolaridade dos pais e a escolaridade dos filhos corresidentes no Brasil em 2024, comparando os resultados com o quadro documentado para 1996 e 2014, e testando se essa associação varia conforme o sexo do filho e se opera, ao menos parcialmente, por meio da renda domiciliar. A pesquisa atualiza essas estimativas com dados de 2024, uma década além do último ponto disponível, ainda que, por utilizar a PNAD Contínua regular, a amostra fique restrita a filhos corresidentes.

## DESENVOLVIMENTO

Foram utilizados microdados da PNAD Contínua de 2024, primeira visita, disponibilizados pelo IBGE. Assim como a PNAD de 1996 utilizada por Ramalho e Netto Júnior (2018), a PNAD Contínua não identifica filhos que deixaram o domicílio dos pais: a amostra fica restrita a filhos corresidentes, limitação amostral retomada nos Resultados. Os papéis familiares são identificados pela variável “condição no domicílio” (responsável, cônjuge, filho), tratando corretamente domicílios com mais de um filho. A cada filho foram associadas a escolaridade do pai e da mãe, a idade e a idade ao quadrado, o sexo, a raça/cor, o número de irmãos corresidentes, um indicador de estrutura familiar biparental, a macrorregião do domicílio (Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, tendo o Sudeste como categoria de referência), o trimestre de referência e a situação rural/urbana do domicílio. A amostra foi restrita a indivíduos entre 25 e 65 anos, de modo a desconsiderar filhos ainda em idade escolar, e todas as especificações foram estimadas sobre a mesma subamostra final com 11.371 observações, para garantir comparabilidade entre os modelos. O método econométrico utilizado foi a regressão por mínimos quadrados ordinários (MQO), com estimação dos erros-padrão ajustada ao desenho amostral complexo da PNAD Contínua. Foram estimados cinco modelos: (i) escolaridade máxima entre os pais; (ii) escolaridade do pai e da mãe separadamente; (iii) inclusão da renda domiciliar per capita; (iv) interação da escolaridade dos pais com o sexo do filho; e (v) interação da escolaridade máxima entre os pais com o sexo do filho.

## RESULTADOS

Na amostra final, o Modelo 1, que utiliza a maior escolaridade entre os pais, mostra que um ano adicional de escolaridade parental está associado a 0,37 ano a mais de escolaridade do filho, equivalente a um grau de mobilidade educacional de 0,63 (1 − 0,37), medida comumente utilizada na literatura. Esse coeficiente é estatisticamente significativo a 1%. Ao decompor esse

efeito entre pai e mãe no Modelo 2, ambos os coeficientes seguem positivos e estatisticamente significativos a 1%, sendo 0,176 para o pai e 0,199 para a mãe, com leve predominância materna, resultado alinhado à ênfase de Longo e Vieira (2017) no papel da mãe na transmissão educacional. Ao incluir a renda domiciliar per capita no Modelo 3, os coeficientes de pai e mãe caem para 0,132 e 0,158, respectivamente, enquanto a renda apresenta efeito positivo e altamente significativo a 1%, evidenciando que parte da transmissão educacional ocorre pelo canal de renda familiar.

A interação com o sexo do filho, estimada no Modelo 4, revela heterogeneidade relevante: o efeito do pai cai de 0,164 para filhos homens para 0,089 para as filhas, e o da mãe cai de 0,187 para filhos para 0,110 para as filhas, ou seja, a transmissão intergeracional é menor para filhas, achado que reproduz a maior mobilidade educacional feminina documentada por Araújo, Netto Júnior e Siqueira (2022) para o período 1996-2014. O Modelo 5, que utiliza a escolaridade máxima entre os pais com o conjunto completo de controles (incluindo renda), estima um coeficiente de 0,258, superior aos coeficientes de pai e mãe separados do Modelo 3 (0,132 e 0,158), o que é esperado, já que a variável de escolaridade máxima capta o maior valor entre pai e mãe em cada domicílio.

Comparando esses resultados com a literatura baseada nos suplementos de mobilidade da PNAD de 1996 e 2014, Araújo, Netto Júnior e Siqueira (2022) documentam aumento da mobilidade educacional intergeracional nesse período, resultante da redução da persistência entre filhos de pais pouco escolarizados e do aumento da persistência entre filhos de pais mais escolarizados, padrão também descrito por Mahlmeister et al. (2019), que apontam estabilização da escolaridade dos filhos de pais mais educados em torno de 11 anos de estudo desde a década de 1990. Os coeficientes de persistência aqui estimados para 2024 (entre 0,258 e 0,37, conforme o modelo) situam-se abaixo dos níveis tipicamente reportados para 1996 (o que corresponde a um grau de mobilidade mais elevado), sugerindo que a trajetória de aumento da mobilidade identificada até 2014 pode ter continuado na década seguinte, ainda que a comparação direta seja limitada pela diferença metodológica entre a regressão linear empregada neste trabalho e as matrizes de transição usadas nos estudos anteriores.

Por fim, cabe uma ressalva quanto à composição da amostra: como a PNAD Contínua só identifica filhos corresidentes, os coeficientes estimados provavelmente subestimam a persistência intergeracional real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam associação robusta entre a escolaridade dos pais e a dos filhos corresidentes no Brasil em 2024, com coeficientes de persistência inferiores aos historicamente documentados para 1996 (grau de mobilidade educacional mais elevado), sugerindo continuidade do aumento da mobilidade educacional intergeracional identificado até 2014. Parte dessa persistência opera pelo canal da renda domiciliar, e sua magnitude é sistematicamente menor para filhas do que para filhos. Por depender exclusivamente de filhos corresidentes, o estudo provavelmente subestima a persistência intergeracional real. Ainda assim, os achados reforçam a relevância de políticas de ampliação do acesso à educação para famílias de baixa escolaridade, reduzindo a reprodução intergeracional das desigualdades educacionais no país.

**Palavras-chave:** mobilidade intergeracional; educação; PNAD Contínua; corresidência; desigualdade de oportunidades.

## ANEXOS

**Tabela 1.** *Coeficientes estimados para a escolaridade do filho (anos de estudo), Modelos 1 a 5, PNAD Contínua 2024.*

| | M1 | M2 | M3 | M4 | M5 |
|---|---|---|---|---|---|
| Escolaridade máx. dos pais | 0,370*** | — | — | — | 0,258*** |
| Escolaridade do pai (filhos) | — | 0,176*** | 0,132*** | 0,164*** | — |
| Escolaridade do pai (filhas) | — | — | — | 0,089*** | — |
| Escolaridade da mãe (filhos) | — | 0,199*** | 0,158*** | 0,187*** | — |
| Escolaridade da mãe (filhas) | — | — | — | 0,110*** | — |
| Renda domiciliar (log) | — | — | 0,985*** | 1,001*** | 1,083*** |
| N (observações) | 11.371 | 11.371 | 11.371 | 11.371 | 11.371 |
| $R^2$ | 0,308 | 0,329 | 0,354 | 0,361 | 0,350 |

*Nota: *** significativo a 1%. M1 = escolaridade máxima dos pais; M2 = pai e mãe separados; M3 = M2 + renda; M4 = M3 com interação por sexo do filho (colunas "filhos" e "filhas" mostram o efeito para cada grupo); M5 = escolaridade máxima dos pais com o conjunto completo de controles de M3. Variável dependente: escolaridade do filho.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Eduardo; VELOSO, Fernando; MADALOZZO, Regina; FERREIRA, Sergio G. Do Borrowing Constraints Decrease Intergenerational Mobility? Evidence from Brazil. 2003.

ARAÚJO, Adriano Firmino V. de; NETTO JÚNIOR, José Luis da Silva; SIQUEIRA, Liedje Bettizaide Oliveira de. Mobilidade Intergeracional Educacional no Brasil: uma análise comparativa dos anos de 1996 e 2014. Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, v. 16, n. 1, p. 91-112, 2022.

FERREIRA, Sergio Guimarães; VELOSO, Fernando A. Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 33, n. 3, p. 481-513, 2003.

LEITE, Thiago Henrique; CUNHA, Marina Silva da. Mobilidade educacional entre gerações no Brasil. 2023.

LONGO, Flávia Vitor; VIEIRA, Joice Melo. Educação de mãe para filho: fatores associados à mobilidade educacional no Brasil. Educação & Sociedade, v. 38, n. 141, p. 1051-1071, 2017.

MAHLMEISTER, Rodrigo; FERREIRA, Sergio Guimarães; VELOSO, Fernando; MENEZES-FILHO, Naercio; KOMATSU, Bruno Kawaoka. Revisitando a Mobilidade Intergeracional de Educação no Brasil. Revista Brasileira de Economia, v. 73, n. 2, 2019.

NETTO JÚNIOR, José Luis da Silva; RAMALHO, Hilton Martins de Brito; ARAGÓN, Edilean Kleber da Silva Bejarano. Transmissão Intergeracional de Educação e Mobilidade de Renda no Brasil. 2013.

RAMALHO, Hilton Martins de Brito; NETTO JÚNIOR, José Luis da Silva. Dinâmica Intergeracional de Educação e Corresidência entre Pais e Filhos Adultos no Brasil. Análise Econômica, v. 36, n. 69, p. 231-266, 2018.

SILVA, Kevin Veiga; KANG, Thomas. Mobilidade intergeracional educacional no Brasil. 2023.